

# A arma da crítica

• “A campanha não está apática, está mais crítica”, diz Paulo Delgado, por três vezes o deputado mais votado do PT em Minas e um dos líderes da ala social-democrata do partido. “O que temos de aceitar é o tempo que o eleitor leva para tomar uma decisão numa eleição onde tem que fazer cinco escolhas diferentes. Nosso partido tem dificuldades tanto para aceitar este ritmo como para aceitar o próprio processo eleitoral”, prossegue.

Paulo Delgado é duramente crítico em relação à organização da campanha de Lula, que considera amadorística, exageradamente centrada no candidato e desligada da realidade do eleitorado. Diz que o próprio Lula está consciente das deficiências, mas com elas se conforma de bom humor. Dá exemplos:

— A agenda de Lula é improvisada e atrapalha as campanhas dos candidatos a governador e a deputado. Por vezes sou informado da vinda de Lula a Minas com apenas 12 horas de antecedência e tenho que mudar os meus compromissos para acompanhá-lo. Outro dia, fomos a Ipatinga, que é uma prefeitura do PT há três eleições, para lançar o programa de emprego. Fomos a uma cooperativa de pequenos proprietários a cinco quilômetros da cidade, onde os plantadores de bananas as estão transformando em doces, ou seja, dando um passo adiante das propostas do MST, que dá ênfase apenas à agricultura familiar. No caminho, havia uma porção de faixas plantadas pelos nossos adversários, do tipo “PT, Nunca Mais”. Ninguém tivera a precaução de fazer uma limpeza prévia. Mas o que me parece mais importante é o simbólico. O Lula, candidato pela terceira vez e o principal líder das oposições, não pode mais se comportar como um simples líder sindical. Quando vai a uma fábrica, a Usiminas, por exemplo, deveria telefonar para a diretoria com antecedência, combinar um horário que permitisse aos empregados ouvi-lo e pedir a cessão do auditório. É assim que age um futuro presidente da República. Não pode ficar na porta da fábrica, trepado num carro de som, em mangas de camisa, como se ainda fosse presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

É quando fala do conteúdo da campanha, das práticas internas do partido e das dificuldades que algumas das suas frações têm em assumir a democracia como um valor permanente do povo que as críticas de Paulo Delgado se tornam mais duras. Diz ele:

— Nós não podemos oferecer ao eleitorado uma única opção, do tipo “Lula lá e Fernando Henrique na cadeia”. Deveríamos basear a nossa campanha em três pontos inteligíveis por qualquer um: continuar o que está bom, acabar com o que é ruim, e fazer o que não foi feito e é necessário. A consciência política do povo

não nasce feita, como pensam alguns grupos petistas. Ela é um lento processo de construção, que temos de incentivar e respeitar. Agora é que seria o momento de termos um gabinete das sombras, uma idéia que o Lula teve em 1990 e que não progrediu por não ser o seu tempo. Lula teria de dizer: “Meu ministro da Economia será Fulano, meu ministro da Saúde, Beltrano, o da Agricultura, Sicrano e o da Defesa, o José Genoíno”. Dessa forma mostraria à sociedade o que esperar dos nossos quadros e, ao mesmo tempo, dividiria as responsabilidades pelas decisões, que estão hoje todas nas suas mãos. Porque não se faz isto? Por causa das divisões internas do partido. Só para o comando da economia há quatro candidatos: o Aloísio Mercadante, a Maria da Conceição Tavares, o Paul Singer e o Guido Mantega. Escolhesse um e seria ele a discutir com o Pedro Malan e o Gustavo Franco. Não deixam dizer que o Genoíno seria ministro da Defesa com medo que ele tenha ainda mais votos em São Paulo do que já tem e isso incomoda os radicais. E por aí afora. Resultado: é o Lula que tem que responder a tudo. Ainda agora está discutindo educação com Paulo Renato, saúde com Serra e trabalho com Amadeo. E o Fernando Henrique fica pairando acima do debate, como se nada tivesse com isso.

Subestimar os adversários é outro pecado que Paulo Delgado constata no PT. Como Fernando Henrique fez alianças com a direita, através do PFL e do PPB, ficam achando que todo o seu governo é conservador e, portanto, incapaz de ter militantes e de defender idéias. Diz:

— Esquecem que Fernando Henrique e Lula nasceram politicamente na mesma luta contra a ditadura e que muitos dos seus ministros vieram do nosso lado. Quando os ministros comportam-se como militantes, ficam surpresos. De onde vieram o José Serra, o Paulo Renato, o José Gregori, o Paulo Paiva, os Mendonça de Barros, o Jungmann e até o Bresser Pereira e o Eduardo Amadeo? Vieram todos do nosso lado, foram formados na esquerda. Como podem pensar que são incapazes de ter um comportamento de militantes no debate de idéias? É cegueira.

E o futuro? Paulo Delgado acha que o PT sairá tão combatido desta campanha que sequer terá energia para, finalmente, rachar.